

“TUDO PELO APERFEIÇOAMENTO MORAL E INTELECTUAL DE NOSSA RAÇA”: RELIGIÃO, CULTO CÍVICO E EXPRESSÃO LITERÁRIA NA ATUAÇÃO DO ESPÍRITA-MAÇON EUCLIDES CÉSAR NO CEARÁ DA DÉCADA DE 1920

Marcos José Diniz Silva*

Euclides César: fragmentos de uma vida ou história de uma sociedade de indivíduos

Fortaleza, a capital do Ceará, apresenta-se, na década de 1920, marcada por intensos debates sobre questões de ordem sociopolítica e religiosa, expressas através dos jornais e em círculos literários, organizações operárias, religiões e movimentos religiosos de diferentes matizes. De um lado, despontam nas lutas operárias elementos de orientação anarquista, socialista e católica circulista e, do outro, os debates sobre modernidade, Estado laico, liberdade e igualdade religiosa, no bojo do rearmamento institucional da Igreja católica.

Objetiva-se analisar, nesse contexto cultural, dois aspectos das múltiplas atividades de Euclides de Vasconcelos César (4/1/1887-27/3/1973). Primeiro, seu engajamento na defesa da liberdade e igualdade religiosa preceituada na Constituição republicana de 1891, especialmente frente aos ataques do clero católico ao Espiritismo, à Maçonaria e suas tentativas de introdução do ensino religioso na escola pública. No segundo momento, sua atuação no terreno jornalístico e literário voltado ao desenvolvimento dos valores cívicos e morais e ao aperfeiçoamento intelectual da nacionalidade, especialmente através fundação da associação cívico-literária Academia Polimática (1922-1924).

Para o entendimento da atuação de Euclides César nesses múltiplos setores do campo cultural, privilegia-se sua pertença religiosa e maçônica como elementos delineadores dos valores morais e das condutas cívicas propostas e/ou desenvolvidas em suas atividades, de tal modo que o elemento religioso aparece como realidade histórico-cultural adensada nas demais dimensões da vida e não como fenomenologia de uma esfera autônoma.

Nesse sentido, parte-se das reflexões de Norbert Elias em “A sociedade dos indivíduos (1939)”, quando afirma: “A história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos.” (ELIAS, 1994, p. 45). Mais à frente questiona os determinismos geradores do *homo clausus*:

E embora, ao examinar do alto longos trechos da história, o observador possa notar, primeiramente, como é pequeno o poder individual das pessoas sobre a linha mestra do movimento e da mudança históricos, a pessoa que atua dentro do fluxo talvez

* Professor Doutor do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC/Universidade Estadual do Ceará – UECE/Campus Quixadá-Ce. E-mail: marcos.diniz@uece.br



tenha uma oportunidade melhor de ver quantas coisas podem depender de pessoas particulares, apesar da fixidez da direção geral.(ELIAS, 1994, p. 47)

Contudo, empreender um estudo histórico a partir da atuação de um indivíduo demanda algumas reflexões sobre as condições estruturais determinantes nas escolhas individuais, assim como os elementos de autonomia individuais nas suas interações que constituirão as diversas configurações sociais que, mais ou menos intensas e normatizadas, levarão às grandes configurações cristalizadas do mundo social. Em outros termos, investigar a atuação de grupos d(e) indivíduos, num determinado contexto sócio-histórico, que guardam similitudes e afinidades eletivas em torno de valores políticos, religiosos e filosóficos, como atores relativamente autônomos no terreno de suas escolhas, plurais em suas disposições e nas teias de suas interdependências; representa um desafio, sobretudo quando se considera que o paradigma dominante nas ciências sociais é o estudo da *sociedade*.

Nisso, é relevante a influência da teoria da ação social de Max Weber (1994). Para esse autor, a ação é social quando refere ao comportamento de outros, orientada por estes em seu curso, distinguindo “fenômeno natural” de “ações sociais”. Elias (2005), fazendo eco às concepções simmelianas de sociedade (WAIZBORT, 2001), demonstra o insucesso de teóricos como Weber e Durkheim, na superação da ideia do homem como *Homo clausus*, exemplificando criticamente a ideia de Weber sobre ações sociais e não sociais dos indivíduos:

De acordo com Weber, abrir um chapéu de chuva quando chove não é uma ação social. Aos seus olhos, a ação de abrir um chapéu de chuva é realizada sem que se atenda aos outros. É claro que nunca lhe ocorreu que os chapéus de chuva só se encontram em certas sociedades, não se fabricando nem se utilizando noutras. [...] Weber sustentava serem não sociais todas as ações que apenas se dirigem a objetos inanimados, embora seja evidente que pessoas diferentes poderão dar significados diversos a uma rocha, a um rio ou a uma tempestade. Assim, as pessoas nas sociedades mais rudimentares, com sistemas de crenças mágico-míticas, atribuirão diferentes significados a estes objetos e, assim, o seu comportamento para com eles também será diferente do comportamento de pessoas de sociedades industriais mais secularizadas. (ELIAS, 2005, p. 131).

Concluindo, o autor enfatiza ter sido Weber influenciado pelo “sentimento de que deve haver algures uma linha de demarcação ou uma divisão entre o que podemos designar como individual e o que pode ser considerado social”. Daí, tentar distinguir o social e o não-social nas ações dos indivíduos é solucionar o problema pela modelagem do “conceito de indivíduo, parecendo referir-se a uma pessoa aparentemente estática, mais do que a

alguém que cresceu, mudou e está ainda a mudar, que está ainda a ‘transformar-se’”. (ELIAS, 2005, p. 131).

Noutra vertente, a sociologia durkheimiana daria realce à distinção singularidade/regularidade à medida que se voltava para os elementos normativos da constituição do social. Das formas mais “inferiores” de sociedade às formas mais complexas, o grau de individualização partiria da total indistinção até aos níveis anômicos de individualismo, provocados pela divisão do trabalho social.

Para Durkheim (1995), em suas conclusões sobre os efeitos da crescente divisão do trabalho (leia-se industrialização, urbanização e especialização tecno/científica), o diagnóstico é sombrio a respeito do progresso individual, recordando o quanto “a consciência coletiva se reduz cada vez mais ao culto do indivíduo”. É preciso, diz ele, uma nova moral que reconduza o indivíduo ao seu lugar harmônico no funcionamento da sociedade.

Acentua Norbert Elias que Augusto Comte não teria sido entendido ou levado a sério, quando afirmara que “seria impossível considerar o estudo coletivo da humanidade [Elias entende como sinônimo de “sociedade”] como uma pura dedução feita a partir do indivíduo humano, porque as condições sociais que modificam os efeitos das leis fisiológicas são, precisamente, a consideração fundamental”. (*apud* ELIAS, 2005, p. 48-49).

Essa abertura de Elias ao elemento psíquico condiz com sua concepção de sociedade, tal como propunha Simmel (1986): “sociedade de indivíduos”, sociedade como interação, sociedade como processo permanentemente alterável pelas interações e interdependências entre os indivíduos, o social como um *todo relacional*. Pois, para este último:

Estaríamos, porém, nos aprisionando ao emprego superficial do termo – certamente útil para a práxis externa – se condicionássemos a denominação de “social” somente às interações *duraduras*, àquelas que já tenham sido objetivadas em formas que se constituem em unidades perfeitamente caracterizadas como: Estado, família, corporações, igrejas, classes, associações etc. Além destas, porém, há inúmeras formas de relação e modos de interação entre os seres humanos que aparecem em casos isolados de maneira insignificante, mas que, inseridos nas formalizações ditas oficiais e abrangentes, sustentam, mais que tudo, a sociedade tal como a conhecemos. (SIMMEL, 2006, p. 16. Grifo do autor).

Portanto, para além da dicotomia indivíduo/sociedade, agente/estrutura, liberdade/determinação, Simmel entendia os estudos dos processos de socialização como processos de interação; estudo da sociedade como *in status nascens*, como movimento

incessante. Quisera desvendar essas “formas de relação” e “modos de interação”, elementos muitas vezes invisíveis ou “insignificantes” que constituem a sustentação das “interações *duradouras*” e cristalizadas do social. Enfim, salienta Elias (1994, p. 56-57), “cada pessoa só é capaz de dizer ‘eu’ se e porque pode, ao mesmo tempo, dizer ‘nós’. Até mesmo a ideia ‘eu sou’, e mais ainda a ideia ‘eu penso’, pressupõe a existência de outras pessoas e um convívio com elas – em suma, um grupo, uma sociedade”.

É nesse sentido que se pensa as condições sócio-históricas em que os indivíduos interagem desenvolvendo suas trajetórias sociais. Pois, levando-se em consideração o papel das instâncias socializadoras básicas, como família, escola, religião, comunidade, notar-se-á que o universo de disposições geradas por essas agências, sobretudo a escolar, fundamental num estudo sobre a dimensão intelectual, não se constituía elemento suficientemente universalizado para definir as bases das disposições intelectuais, profissionais e políticas desses indivíduos.

Constata-se nas últimas décadas do século XIX e primeiros decênios do século XX, as precárias condições educacionais no Ceará, como de resto no Brasil, sobretudo no ensino público, eram compensados no espaço urbano por restritas iniciativas de educação privada, esforços individuais de autodidatismo, proliferação de gabinetes de leitura, associações literárias, científicas, educacionais, beneficentes e filantrópicas; algumas delas instrumentando a militância nos movimentos sociais, com forte acento nas intenções modernizantes e reformistas.

Poder-se-iam citar diversas dessas entidades, inclusive nas dimensões política e religiosa que surgiram no Ceará, sobretudo, nas três últimas décadas do século XIX, impulsionando o desenvolvimento das letras e a formação intelectual e política de pelo menos duas gerações de cearenses, boa parte delas ainda em funcionamento até à primeira metade do século XX. Destacam-se: Loja Maçônica Fraternidade Cearense (1859), Seminário Episcopal [da Prainha] (1864), Academia Francesa do Ceará (1872), Escola Popular (1874), Gabinete Cearense de Leitura (1875), Loja Maçônica Igualdade (1882), Escola Normal (1884), Escola Militar do Ceará (1889), Partido Operário (1890), Padaria Espiritual (1892), Academia Cearense [de Letras] (1894), Centro Literário (1894), além de diversos periódicos, alguns claramente ideológicos, como os jornais católicos *Tribuna Católica* (1867) e *A Verdade*, e o maçônico *Fraternidade* (1873), que circularam como órgãos exclusivos, ou não, daquelas entidades. (Cf. BARREIRA, 1986). Registre-se, também, em Fortaleza, certo número de espaços de sociabilidade (letrada) como os cafés (Java, Globo, Riche, Elegante, Comércio, do Pedro Eugênio, etc.), livrarias (Livraria Araújo, Livraria do Oliveira, Livraria Ribeiro,

Livraria do Banco do Ceará, Livraria Araripe), praças (do Ferreira, Passeio Público) e repúblicas estudantis. (Cf. GIRÃO, 1979, p. 173-205).

Muitos indivíduos encontravam nas atividades desses espaços de socialização alternativas, meios de superação das limitações impostas pelo sistema escolar elitista e das carências socioeconômicas das famílias das classes populares. Neles, proporcionavam-se vivências pluralistas de formação de disposições nos agentes sociais, tais como militância no movimento operário, filiação a lojas maçônicas, exercício do jornalismo, participação em clubes literários, frequência a gabinetes de leitura, trabalho em gráficas, tipografias e livrarias, debates e lutas políticas, polêmicas e disputas públicas no campo religioso, enfim, vivências do mundo urbano.

Euclides César: militância socialista, positivista, maçônica e espírita

Euclides de Vasconcelos César (1887-1973) era natural de Areias, Paraíba. Veio ainda muito jovem para o Ceará, dedicando-se ao magistério particular, como na Escola da Fênix Caixeiral, da associação de trabalhadores homônima, por mais de vinte cinco anos. Em 1917, ingressa no concorrido Telégrafo Nacional - regional Ceará, que integrava também os estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, permanecendo de 1917 a 1932. O serviço de telégrafo, com seu ar de requinte tecnológico e a exigência de razoáveis dotes intelectuais, atraía jovens inteligentes e dinâmicos. Alguns deles se destacariam nas letras, jornalismo e política cearense como Demócrito Rocha, Valdemar Falcão, Luiz Memória, Raimundo Alencar Araripe.

Euclides César converte-se ao Espiritismo nesses primeiros anos do século XX, torna-se dirigente do Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres, a partir de 1929. Também na década de 1930, terá destacada participação nas atividades do Centro Espírita Cearense, como expositor e coordenador de reuniões evangélico-doutrinárias. (Cf. KLEIN FILHO, 2000).

À mesma época que adere ao Espiritismo, inicia-se na Maçonaria. No final da década de 1920, com a grande cisão no Grande Oriente do Brasil e a criação das Grandes Lojas estaduais, Euclides César engaja-se como destacado defensor desse movimento. Participa como membro fundador e da diretoria (orador) de novas lojas como a “Fortaleza Nº 3” (1928) e a “Deus e Fraternidade Nº 4” (1929), filiadas à nova potência maçônica. Nessa entidade federativa estadual, a Grande Loja, ocuparia os cargos de “Grande-Orador” (1933-1936), “Grão-Mestre Adjunto” (1935) e “Grande-Orador Adjunto” (1937-1938). (Cf. MELLO FILHO, 1973).

Em 14 de julho de 1919, participou como orador no lançamento do Partido Socialista Cearense, ao lado de militantes como Gastão Justa, Joaquim Alves, Eurico Pinto, Raimundo Ramos. Na concentração da Praça Marquês do Herval (atual José de Alencar), sob os acordes da banda de música do Batalhão Militar,

Uma multidão imensa se ia formando com grandes levas de companheiros, de todas as classes trabalhadoras, chegadas de todos os pontos da cidade. Minutos após a chegada do diretório fizeram-se ouvir, de uma tribuna improvisada, o companheiro Gastão Justa e o sr. Euclides César, que pronunciaram eloqüentes e ardentes improvisos sobre a data de 14 de julho e sobre a causa do operariado. (CEARÁ SOCIALISTA. Fortaleza-Ce, 20 jul. 1919. *apud* GONÇALVES, 2001, p. 5).

Estendia sua contribuição intelectual em conferências nas associações de trabalhadores, como o Sindicato dos Trabalhadores do Porto, Sociedade Deus e Mar, Sociedade Artística Beneficente, defendendo a causa da instrução, da educação moral e cívica, e da liberdade econômica do operariado. Nesse trabalho, desenvolve íntima parceria com o major Antonio Praxedes Góes, catedrático do Colégio Militar e militante do Positivismo. (Cf. PARENTE, 1999, p. 81- 87).

De fato, Euclides César não apenas partilhava a amizade do positivista Major Praxedes, como também era grande propagandista da filosofia comtista. Numa ocasião, em matéria intitulada “Intolerância religiosa no Aracaty”, denuncia as perseguições religiosas de um grupo de católicos daquela cidade contra os maçons locais:

A liberdade de consciência, é a mais bela das conquistas humanas, proclama o professor Major Praxedes Góes, repetindo os luminosos ensinamentos, contidos na “Política Positiva”, do mestre dos mestres - Augusto Comte. Sem ela, a Humanidade não poderia jamais progredir, estaria ainda hoje imersa na antropofagia. (GAZETA DE NOTÍCIAS, Fortaleza-Ce, 29 nov.1928)

A defesa do livre pensamento foi uma constante, frente ao dogmatismo praticado e incentivado pelo clero local, de tal modo que, ainda no citado artigo apela às autoridades públicas:

Seja como for, em nome da Moral e da Razão, e, de acordo com o art. 72 de nossa Constituição, solicitamos para o caso, a esclarecida atenção do Ilustre Presidente do Estado que, estamos certos, não tardará em intervir, como lhe cumpre, em prol da manutenção da ordem material, no sentido de garantir imparcialmente a expansão de quaisquer doutrinas teológicas, metafísicas e científicas. (GAZETA DE NOTÍCIAS, Fortaleza-Ce, 29 nov.1928)

Seus pontos de vista sobre diversos problemas da sociedade brasileira e cearense demonstram sua cultura positivista em aplicação, seja nas polêmicas sobre o ensino religioso nas escolas públicas, seja na defesa do lugar prioritário da educação e instrução do operariado em seu projeto de ascensão social, ou na defesa e enaltecimento da mulher como reserva moral da sociedade, dentre outras questões.

A causa da mulher sempre teve lugar em suas lutas e ideais, na Academia Polimática, como veremos adiante, dedicavam-se conferências e comemorações, inclusive com a participação especial do Major Praxedes. Combatia os preconceitos à luz da doutrina do “mestre dos mestres”. Na polêmica da mulher no mercado de trabalho defendera, no artigo “A mulher nas repartições”:

Há quem seja contrário ao ingresso da mulher nas repartições públicas, principalmente quando por vezes se pretere um pobre pai de família que tem de ceder o lugar a uma senhorita filha de pais opulentos e que por isso mesmo emprega o dinheiro do ordenado na futilidade e no luxo. De um modo geral, porém, vedar o acesso da mulher nas funções públicas, é simples preconceito milenário. A mulher pode ser, não somente a colaboradora eterna do homem na vida planetária como também competir com ele em todos os ramos da atividade intelectual. (A RAZÃO. Fortaleza-Ce, 9 dez.1930)

Desponta de suas colocações um claro posicionamento frente à “função social” da mulher. Seu lugar deveria ser garantido por sua capacidade produtiva, intelectual e moral; enquanto que se deveria imunizá-la contra o “sectarismo tartufo, explorador das massas”. Caberia, pois, defendê-las das “garras aduncas” dos falsos beatos exploradores da ignorância das massas.

Euclides César: agitação cultural, culto cívico e vivência literária na Academia Polimática

Euclides César também era muito conhecido como professor de línguas, especialmente o inglês e o francês. Entraria para o círculo literário e jornalístico local. Aliás, naquele contexto, essas duas áreas de atuação intelectual se influenciavam mutuamente fazendo que, por um lado, o jornalismo se beneficiasse da cultura e dotes literários de seus praticantes e, por outro, servindo de espaço de trabalho e meio de difusão dos interesses literários desses mesmos jornalistas. Embora se possa afirmar que nem todos os literatos, necessariamente, dependessem do trabalho jornalístico, não se pode negar o volume considerável de literatos, acadêmicos ou não, que, em algum momento, atuaram na imprensa local.

Era um agitador cultural com claras intenções cívicas, morais, espiritualistas, nacionalistas, liberais e democráticas. Estivera na dianteira do Grêmio Literário Cearense, entre 1917 e 1919, com Eurico Pinto e Moacir Caminha, e na Academia dos Novos (1920). Contudo, sua atuação mais destacada dar-se-ia na fundação da Academia Polimática, que funcionaria até 1924.

Não tendo sido poeta, nem romancista de renomada, mas cronista que marcou a cultura cearense de seu tempo, Euclides César não está na galeria dos escritores cearenses e, parece que não o interessava o título de literato, pois recusou convite para a Academia Cearense de Letras em 1930, sendo substituído pelo empresário e líder presbiteriano, Natanael Cortez. (Cf. BARREIRA, 1986).

No jornalismo, Euclides César foi redator d'*O Ceará*, colaborador assíduo d'*A Razão*, dentre outros jornais, com inúmeros artigos sobre temas de interesse nacional, local e cotidiano, da reforma ortográfica às traquinagens nas calçadas da cidade. Na literatura, Euclides César escrevera uma novela anticlerical intitulada "Nas garras do abutre", os folhetos "Sara", "O Terror"; crônicas e os "famosos" "Florilégios", perfis biográficos de aproximadamente trezentas personalidades cearenses contemporâneas.

Porém, é na Academia Polimática, que funcionou em Fortaleza entre 1922 e 1924, tendo Euclides César como fundador, que se podem perceber as muitas facetas desse intelectual, a abrangência de suas relações e as bases de seu idealismo, alimentado nas diversas instituições e movimentos a que pertencia.

A princípio, essa associação ou movimento, como quiseram alguns seus contemporâneos, pode ser definido como um grêmio cívico-literário. De fato, houvera, na programação da Polimática um forte acento literário, porém no sentido amplo à medida que das letras se procurava extrair o espírito, a instrução, a formação. Até o presente momento, aqueles que se referiram à Academia Polimática, excetuando-se Bóia (1988), limitaram-se a vê-la como mais um movimento literário que agitou efemeramente a capital cearense nos idos de 1920. No entender de Girão (1979, p. 193), tratava-se a Polimática de "estranho assanhamento literatureiro, numeroso, palavroso, estrondoso, imaginado por Euclides César".

Contudo, o historiador concede substancial parágrafo à descrição daquela inusitada associação:

Ferveu em discursos, moções, protestos, comemorações cívicas toda aquela avalanche de "espirituais confrades" e era este o seu tratamento mútuo, convencidos, superconvencidos da pujança de sua assembleia imensa, de mais de dois mil sócios. *A Polimática é um fato* – gritavam aos quatro ventos. *Amemo-nos e eduquemo-nos uns aos outros* – eis o lema que os devia conduzir. Além do Espiritualismo

[Espiritualíssimo] Confrade ou presidente, que era Euclides César, uma caterva de nomes ilustres: Luís de Moraes Correia, Cursino Belém, Antonio Furtado, Perboyre e Silva, Eduardo Mota, Caio Lemos, Aníbal Mascarenhas, Rodrigues de Andrade, Elias Malmann, César Magalhães, Sobreira Filho, Moesia Rolim, Rubens Falcão, Wallter Pompeu, Eurico Pinto, Henrique Soares, Hélio Caracas, Sidney Neto, Almeida Genú. Nenhum estatuto, nenhuma regra coatora. Qualquer que fosse o tema, seria tema digno de discussão. Não permitidos, entretanto, os apartes. Que se aguardasse o potencial apartante para falar depois, livre, à sua vez, de interrupções. Original *academia* essa que, em verdade, como disse Leonardo Mota, assinalou um instante vibrátil na vida fortalezense. (GIRÃO, 1979, p. 193-195, grifo do autor).

A extensa e quase indesculpável citação acima pode se justificar pela necessidade de alguns esclarecimentos. Primeiro, o senão literário do autor para com o caráter “literatureiro, numeroso, palavroso, estrondoso”, da Polimática; para, em seguida ressaltar seu teor mobilizatório. No segundo momento, o historiador lista a “caterva de nomes ilustres” que a compunham, desfilando uma fração de nomes. Observe-se que “caterva” pode referir-se a grande quantidade de pessoas, animais ou coisas (!), como também agrupamento de pessoas de má índole, mau comportamento, corja, malta... Essa postura crítica pode ser de fundo meramente literário, suas expressões poderão ser meros recursos estilísticos, como podem, também, denotar discordâncias do autor – contemporâneo daquele movimento – com as ideias de muitos de seus destacados membros; haja vista ter sido a Polimática idealizada por um maçom-espírita e freqüentada por diversos adeptos da Maçonaria, do Espiritismo e da Teosofia que ocuparam, com grande freqüência, o espaço da tribuna para tratar de temáticas direta ou indiretamente ligadas às suas convicções. Ou mesmo para, através da legitimação intelectual auferida na entidade, fortalecer taticamente os laços de interdependência da configuração moderno-espírita. Talvez fossem essas heterodoxas que caracterizassem, para o autor citado, aquela “caterva de nomes ilustres”.

Ainda no quadro das considerações sobre a Academia Polimática, no conjunto dos movimentos literários fortalezenses, ao rememorar o ano de 1922, acrescenta Alencar (1980, p. 148, grifo nosso): “Nesse ano, do Centenário da Independência, se funda a Academia Polimática, associação que teve rápida, mas rumorosa existência. Não era propriamente uma associação, era um *movimento*. Quase um comício”. Ressaltando o papel fundador de Euclides César, o autor credita a fórmula mais livre e “rumorosa” da Polimática, como alternativa ao formalismo disciplinado e os apertados espaços das meias dúzias de membros dos tradicionais grêmios literários. Contrariamente, a

Polimática arrebata tudo. Não havia processo seletivo. Suas sessões se realizavam nas manhãs de domingo, sempre movimentadas. [...] A sala se enchia, muita gente, muito discurso. Aliás, a sessão começava na Praça. Euclides César saía



acompanhado de grande cortejo. Era ele o presidente e era ele, principalmente, a Polimática. (ALENCAR, 1980, p. 148).

Nesse ritmo, o autor dedica duas boas páginas a esse “movimento”, pois reconhece que “a fórmula de animação das sessões era válida e de certo modo democrática. Ao invés do formalismo regimental das sessões mornas e ordenadas [...]. Literatura para todo mundo.” Não teve um jornal, menos ainda uma revista, não publicou produções, “não possuiu em nenhum momento a consistência intelectual nem a picardia de uma Padaria Espiritual. Mas isto não estaria nos seus propósitos”. (ALENCAR, 1980, p. 149).

Fundada em 12 de novembro de 1922, funcionaria até julho de 1924. Tinha sua sede no prédio da Farmácia Meton (altos), à Rua Barão do Rio Branco, no mesmo local onde funcionava a Loja Teosófica Unidade. Congregava sócios das mais variadas atividades, crenças, tendências políticas e filosóficas, como Moraes Correia, Alba Valdez, Andrade Furtado, Antonio Praxedes Góes, César Magalhães, Demócrito Rocha, Jader de Carvalho, Natanael Cortez e Monsenhor Tabosa. Então, é como um *movimento* que se deve perceber a existência da Academia Polimática. De acordo com seu mais dedicado estudioso, a Polimática era:

Uma sociedade, ou melhor, uma universidade popular, democrática, voltada para o *aperfeiçoamento da natureza humana* através do culto da Família, da Pátria, da Mulher, da Humanidade, do Trabalho. Democrática, porque agasalhava em seu seio, numa promiscuidade consoladora e sadia, a mocidade estudiosa, os renomados intelectuais e os humildes filhos do povo. De caráter educativo, batia-se pela *regeneração social* e pela *fraternidade universal*. (BÓIA, 1988, p. 153, grifo nosso).

Portanto, mais que um grêmio fechado para o cultivo elitista das letras, a Polimática se fizera um clube de livre-pensamento, de sementeira dos valores cívicos, morais, de aperfeiçoamento intelectual, de democratização do saber, de mobilização e de fraternidade. Seus comentadores, contemporâneos e participantes, a classificaram como “academia popular de educação”, “sociedade cultural”, “universidade popular”. Se bem observada, sua programação e seus mais atuantes membros, nos seus quase dois anos de existência revelam a predominância de uma perspectiva de pensamento que, muito frequentemente denominavam “a ideia nova”. As duas colunas mestras da Polimática consistiam no projeto de “regeneração social” e de “Fraternidade Universal”.

Em seu amplo quadro de sócios, entre efetivos, honorários e correspondentes, despontam nomes das mais variadas tradições de pensamento e crenças religiosas como já observado. Marcante é a ausência de intelectuais católicos e de conteúdos vinculados à



religiosidade e ao projeto social da Igreja Católica, haja vista ter sido nos idos de 1920 o período de maior expansão de suas atividades mobilizatórias. Acrescente-se, a propósito, que a Polimática aprovou a indicação do nome do arcebispo dom Manuel da Silva Gomes para sócio honorário. Em ofício do “Palácio Arquiepiscopal de Fortaleza”, de 13 de agosto de 1923, dirigido ao 1º secretário da Academia Polimática, César Magalhães, dom Manuel agradece a deferência e, justificando a impossibilidade de participar da entidade em virtude dos “múltiplos e absorventes deveres de meu ministério pastoral”, aceita o convite com a condição de “aplaudir de longe, como mero expectador, a seus triunfos literários”. (*apud* BÓIA, 1988, p. 186).

A Polimática realizava comemorações das grandes datas históricas e cívicas, como a Independência, proclamação da República, abolição da escravidão, algumas em sessões na Praça do Ferreira; promovia homenagens póstumas a grandes vultos das artes e letras nacionais e estrangeiros, como Rui Barbosa e Guerra Junqueiro; promovia moções de protesto contra as guerras e o militarismo, contra a carestia; encetava campanhas de solidariedade; realizava sessões especiais, como a que se destinava à “exaltação da Mulher”, ou em cidades próximas como Maranguape, Pacatuba; criou uma Liga do Voto Secreto; promovia todo 1º dia do ano a festa da Fraternidade Universal. Em tudo havia um acento moral, espiritualista, cívico, literário e científico de caráter laico.

Dava-se, no Ceará, como de resto no Brasil daquele contexto republicano, entre amplos setores da intelectualidade, uma tentativa laicizante de sacralização cívica do tempo e do espaço da cultura-pátria, tal qual demonstrara Catroga (2005) para o caso português.

A atuação do fundador e presidente Euclides César, “o maior agitador de ideias de minha geração na Praça do Ferreira”, no dizer de Djacir Menezes (*apud* BÓIA, 1988, p. 159), secundado por um grupo idealista e militante, alguns bem jovens, transformara a Academia Polimática, também, em espaço para a difusão dos princípios doutrinários das correntes do espiritualismo moderno a que pertenciam, ou simpatizavam, boa parte de seus mais dedicados membros. Estiveram na linha de frente dos trabalhos, dentre outros, nomes como César Magalhães, Eduardo Mota, Walter Pompeu, Moésia Rolim, Antonio Praxedes Góes, Elias Malmann, Eurico Pinto, Juarez Castelo Branco, Moraes Correia, Caio Lemos.¹

Desse modo, observa-se aqui certa proeminência de ação de indivíduos ligados à Maçonaria e à Teosofia, especialmente através de Moraes Correia, Caio Lemos e César Magalhães, embora não seja de modo algum descartável o trabalho doutrinário do positivista Major Praxedes Góes. A proximidade espacial da sede da Polimática com a sede da Loja

Teosófica Unidade, pelo fato de estarem do mesmo prédio, parece não ter sido mera coincidência e mostra ter gerado importantes dividendos para ambos os lados.

Indicativo dessa íntima relação pode ser visto nas diversas conferências pronunciadas por teosofistas, com títulos direta ou indiretamente ligados à temática espiritual; muito embora houvesse, segundo se afirmava, ampla liberdade de opinião para os participantes. Mas é certo que, na programação da Academia Polimática, não se registraram conferências ou outras atividades que tivessem em seus títulos referências ao catolicismo ou ao protestantismo, ressaltando-se a possibilidade de terem sido omitidos pelos jornalistas, pelos memorialistas, ou mesmo de terem sido tratados em debates orais sem nenhum registro.

Assim, concretamente, ficaram registradas as conferências teosóficas: “A Estrela do Oriente”,² “A civilização Egípcia”, esta apresentada como um “tema científico”; “A verdadeira Fraternidade” e “O Sermão da Montanha”, de César Magalhães; “A consoladora certeza da imortalidade”, “A clarividência e os segredos da Natureza”, “A Religião da Fraternidade”, de Caio Lemos; “A limitada harmonia da Natureza”, de Moraes Correia.

Outro momento de fraternização e difusão dos ideários espiritualistas, no contexto das atividades da Academia Polimática, não apenas para a difusão de seus ensinamentos e propostas de reforma do homem e da sociedade, mas também de afirmação da igualdade e liberdade religiosas; verifica-se na promoção da festa da Fraternidade Universal, em seus dois anos de existência.

A primeira delas, segundo informa Menezes (1938, p. 105):

Constituiu fato notável a sessão comemorativa da fraternidade universal, levada a efeito em 1º de janeiro de 1923, no ‘Clube dos Diários’, presidida por Justiniano de Serpa, então presidente do Estado. Houve cinco oradores. Um falou sobre a data em face do catolicismo. Outro, diante do espiritismo. O terceiro, à luz do protestantismo. O quarto, da teosofia e o último, da teoria do positivismo [...]. O então deputado Raimundo Arrais cogitou redigir um projeto de lei considerando a Polimática de utilidade pública. Mas tal ideia morreu no tinteiro [...].

A simbiose entre as atividades cívico-culturais da Polimática e o movimento teosófico era tal que, no ano seguinte, a Loja Teosófica Unidade era quem aparecia como organizadora da dita solenidade, com muita divulgação nas sessões daquela, e chamadas no jornal *A Tribuna*; como relata Wilson Bóia:

Muito comentada a sessão realizada às catorze horas, no salão nobre do Clube Iracema, promovida pela Loja Teosófica Universal, na terça-feira de 1 de janeiro de 1924, presidida por Cruz Filho e dedicada ao Culto da Humanidade ou da Fraternidade Universal. Ocuparam a tribuna diversos representantes das mais variadas tendências religiosas: Natanael Cortez, pelo *Cristianismo*; Francisco



Falcão, pela *Sociedade Esperanto*; Maria José de Castro, pela *Academia Polimática*; Ten. cel. Heitor G. de Araújo, pelo *Instituto Neo Pitagórico*, de Curitiba; César Magalhães, pela Ordem Estrela do Oriente; Giovanni Levi, pela *Igreja Católica Liberal*; Caio Lemos, pela *Sociedade Teosófica [Unidade]*. (BOIA, 1988, p. 185, grifo nosso)

Enfim, depreende-se da breve análise da atuação de Euclides César, no cenário intelectual dos anos 1920, um papel de destaque enquanto mobilizador de pessoas e idéias, divulgador de valores cívicos e morais, assim como defensor enérgico do estatuto laico da República brasileira. Suas articulações com diferentes instituições, setores intelectuais e correntes de pensamento, especialmente aquelas voltadas ao espiritualismo moderno e cientificista, vêm revelar as múltiplas possibilidades de ação e interdependência dos indivíduos como portadores/construtores incessantes do social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Edgar. *Fortaleza de ontem e anteontem*. Fortaleza: Edições UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1980.
- BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Edições do Instituto do Ceará, 1986. (Série História do Ceará, Monografia nº 18, 1º Tomo)
- BÓIA, Wilson. *Associações literárias de Fortaleza (1910-1930)*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988.
- CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito. Religião Civil e comemoracionismo*. Fortaleza: Edições NUDOC-UFC/Museu do Ceará, 2005.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos (1939). In: _____ *A Sociedade dos Indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p. 11-60.
- _____. *Introdução à Sociologia*. Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2005.
- GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. 2ª Ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil (BNB). 1979.
- GONÇALVES, Adelaide (Org.) *Ceará Socialista*. Anno 1919. Edição Fac-Similar. Florianópolis: Insular, 2001.
- KLEIN FILHO, Luciano. *Memórias do Espiritismo no Ceará*. São Paulo: DPL Editora; Fortaleza: Centro de Documentação Espírita do Ceará, 2000.
- MELLO FILHO, Luiz de. *Maçonaria no Ceará*. Lojas e obreiros. Fortaleza: [s.n.], 1973.

MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou...* (Crônicas históricas da Fortaleza antiga). Fortaleza: Edésio Editor, 1938.

PARENTE, Josênio. *Anauê – Os Camisas verdes no poder*. Fortaleza:Edições UFC, 1999.

WAIZBORT, Leopoldo. Elias e Simmel. In: _____. (Org.) *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 89 -111.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Tradução Régis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa. Brasília (DF): Editora UnB, 1994, v.1.

Notas

¹ Uma observação cuidadosa do “Relatório das atividades da Academia Polímica”, organizado por Bóia (1988, p. 163 -181), acrescido das notas sobre a entidade, publicadas no jornal *A Tribuna*, totalizando 102 datas de sessões e outros eventos, permitiu tabular a frequência de aparecimento dos nomes de seus membros, de tal modo que os dez citados correspondem aos de maior destaque e visibilidade.

² Tema desenvolvido em dezembro de 1922, referia-se à Ordem Estrela do Oriente, sobre a qual o autor voltaria a falar na solenidade da Fraternidade Universal, de 1º de janeiro de 1924. Segundo o jornal *A Unidade* (Fortaleza-Ce, 1º de janeiro de 1924), da Loja Teosófica Unidade, a Ordem Estrela do Oriente, “é uma organização internacional, derivada da expectativa rapidamente crescente, visível em muitas partes do mundo, acerca da próxima vinda de um grande Instrutor espiritual [...]”. Tratava-se de um movimento “messiânico”, paralelo à Sociedade Teosófica Mundial, com grande adesão dos teosofistas, tendo como chefe mundial J. Krishnamurti, secundado por Annie Besant, sucessora de Helena Blavatsky. A Ordem foi fundada em Benares, Índia, em 1911, depois sediada em Londres. Seu representante geral no Brasil era o general Raimundo Pinto Seidl, também presidente da Sociedade Teosófica no Brasil. A chefia para Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, cabia ao Tenente Caio Lustosa de Lemos, conforme o citado jornal.